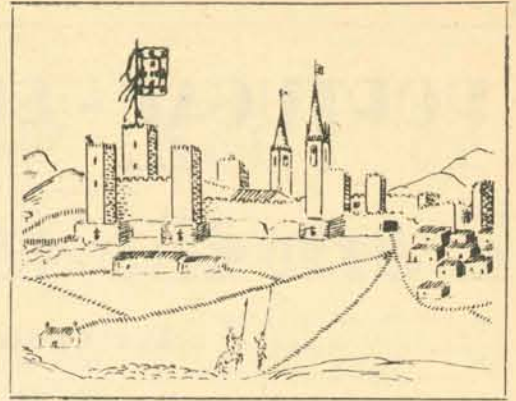


Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PRÓPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
---	---	--

AO LEME

Foi há poucos dias reeleito para a Suprema Magistratura da Nação o Senhor Almirante Américo Tomás.

Por todo esse Portugal além, num abraço estreito de fraternidade lusitana, na convicção honrada de uma Pátria livre e unida, sentiram os Portugueses o eco do proeminente acontecimento.

Por toda a parte desta nossa querida Pátria adorável, se marcou pelo coração a hora em que o Doutor Mário de Figueiredo, do alto da tribuna da Assembleia Nacional, nos disse ter sido reeleito Sua Excelência, o Senhor Presidente da República.

Dia festivo e solene esse dia, tocante pelo sentimento, e preclaro pelo facto que revela e exterioriza, tem, no momento actual, um duplo significado.

O significado da ordem, do respeito, da disciplina; e o significado do reconhecimento e das graças que o Povo Português pode dar à Providência, por lhe ter garantido, pela obra realizada e pela confiança adquirida, a certeza de existir e de continuar existindo livre a Pátria que quer ser livre e que não mais morrerá; a Pátria que remoga agora em latejos ardentes e que, uma vez mais na sua História, dá exemplos ao Mundo.

Nesra era estonteante e febril, em que o Orbe se

abraza nos incêndios do ódio, no aviltamento do carácter, no compuscar das almas, na lama do vício e na carnificina das batalhas; nesta hora indecisa e incerta, em que tantos corações transbordam de fúria tigrina, em que há tantas mães prostradas pelo chorar; nesta hora amarga, dilacerante, que a Humanidade atravessa, numa cavalgada louca, deixando atrás de si a destruição e a morte, o luto e a dor; nesta hora, o Povo Português pode viver tranquilo no seu Lar amigo, pode viver com Deus.

Eis a maior riqueza, eis o maior júbilo da gente lusitana.

E Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, homem de um só rosto e de uma só fé, é bem a figuração do honrado e tradicional Portugal, do Portugal de outrora, que hoje resurge, para ser o Portugal de amanhã, sempre terra das rosas e da Virgem Maria.

Ele é o aval duma continuidade histórica.

Símbolo da antiga Casa Lusitana, é uma figura excelsa de português digno e inteligente, a quem não falta o sorriso afável que simultaneamente, sujeita e acaricia, impondo-se pelo respeito e pela bondade.

Um marinheiro ilustre guia a nau da Pátria; com ele, podemos navegar seguros.

É ele que vai ao leme!

PRELÚDIOS...

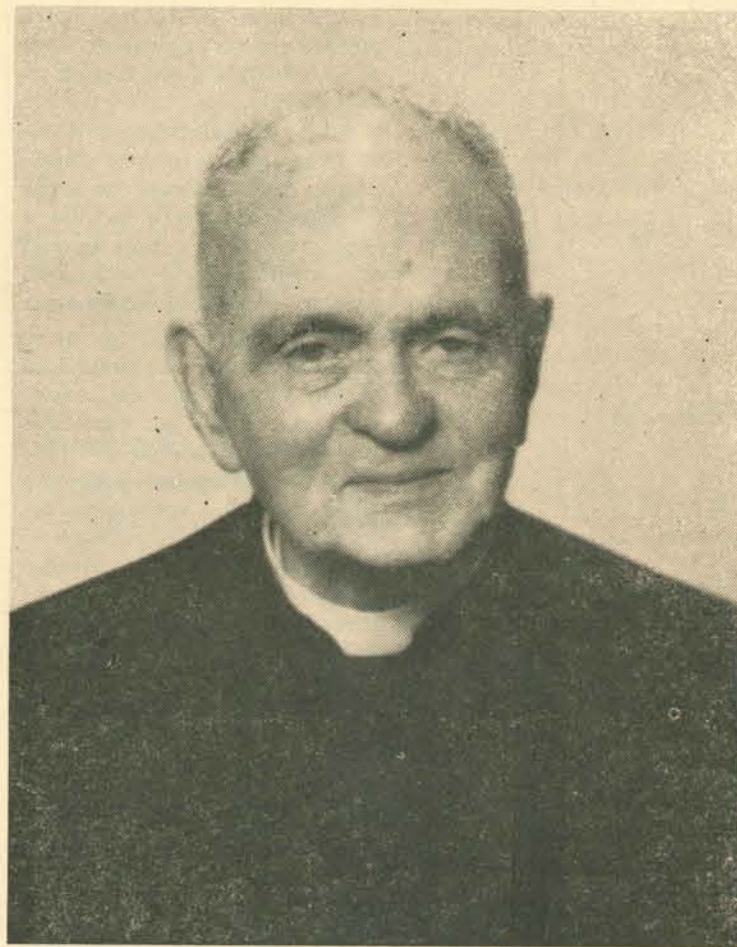
O sol morre no horizonte, morre lentamente; saudoso... As folhas agitam-se num adeus... O vento é frio... o céu são nuvens; a terra é sombras. Desenha-se no céu lívido a sombra de uma cruz... As árvores folheiam desilusões sobre os túmulos... Há frio que só os vivos sofrem, que só eles vivem; prantos no coaxar das rãs; ladainhas nas águas coloridas.

As andorinhas descem planando e assustam as ramarias pendentes e soturnas. Numa réstea de sol dançam aladas formigas, volteiam, volteiam... Os rebanhos tilitam caminho do redil; as tresmalhadas berram entre os pinheiros, lá longe...

Desce a noite (já não morre o sol) manto esfarrapado que des-

(Continua na página 4)

Um Santo Homem que foi um Homem SANTO



Um ano é já passado, após a morte do venerando sacerdote que foi o Padre Francisco da Piedade Paralta.

Homem de exemplar virtude que passou pela Terra, espalhando com prodigalidade o Amor e o Bem, o Padre Paralta, nicense de origem, soube viver uma vida verdadeiramente espiritual, não só pelo seu comportamento impecável, como homem, mas também pela acção digníssima de pastor de almas, que sempre soube guiar pelo caminho dignificante das Leis do Senhor.

Foi um apóstolo iluminado que no Mundo deixou uma aura do Céu.

«Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent patrem vestrum qui in coelis est».

Para ele nunca houve distinções nem preconceitos sociais.

Amou o próximo do fundo do coração; confortou os pobres, os tristes, os moribundos, sem inquirir de origens, da fazenda, de peças blasonadas.

Foi bálsamo de infelizes, conselheiro paternal, amparo de velhos, alegria das crianças, amigo de todos.

No seu olhar boníssimo havia uma luminosidade que não era deste mundo.

Viveu como um Homem, procedeu como um Justo, morreu como um Santo. «Ille fuit sal terrae».

Elvas, a notável cidade de nobres tradições, amou-o com ternura e chorou-o com profundo sentimento.

Nisa, que foi seu berço, tem obrigação de lhe honrar a memória.

A CAPELA DE SÃO PEDRO

Pela transcrição feita nos números anteriores, é forçoso concluir que a Capela de São Pedro, «próxima dos muros, na parte ocidental» foi, em anos passados, templo a que acorriam as gentes de Nisa, todas devotas do Príncipe dos Apóstolos; e, em especial, os bons pastores da Terra, para festejarem o Santo Patrono.

Havia o fervor das orações e a alegria de cantares e bailados, a que não faltava «um lindo fogo de artifício».

O cortejo pelas ruas da vila era espectáculo de vida e de côr; e as donzelas lhe emprestavam tocante beleza com a exuberância da sua mocidade e a policromia dos seus trajes.

Os zagais, de casacas, calções, meias e «fivelas de grandeza patriarcal» incorporavam-se na marcha.

E para tudo ser equilibrado e decente, tinham eles também o encargo de protecção às lindas raparigas, livrando-as de qualquer «avaria».

Aos cânticos se aliavam os instrumentos, pois havia pelo menos, duas violas, além de «um tambor e um pífono ou gaita de foles».

Matronas, com saias de chamalote e roupinhas de grandes abas, vibravam pandeiros e soalhas.

Quanto a «apertos», o caso também estava previsto, o que era providência de grande alcance, pois com tanta gente pelas ruas não seria difícil haver de vez em quando o seu apertão...

Enfim, Nisa vivia horas de exuberante alegria e São Pedro era festejado condignamente.

Os tempos passaram, muitos anos volveram; e tudo se perdeu, tudo que era devoção e letícia.

Com este olvido foi esquecida também a capela, onde já muita coisa tem desaparecido, substituindo-se por «porte cochère» o portal gótico de granito que dava ao templo uma graciosidade ingénua e diga. Houve ainda muita obra de remendões, tanto no interior como cá fora, tristeza fácil ainda hoje de observar, mesmo por quem não disponha de grandes recursos em assuntos de arte.

Em eras mais próximas, informam-nos ter funcionado ali algo de sinistro que deixou na frontaria um «olho» muito aberto, mas de fraca visão, «olho» esse que oculto

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

PORTUGAL - BRASIL

É era tão feia...

Por Gonçalves Crespo

Sòzinha e ao desamparo ela vivia
nesse pobre casebre abandonado;
não conhecera pai nem mãe; doia
fitar aquele rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
para os descantes da festiva aldeia;
e consigo a mesquinha suspirava:
"Doce Jesus! porque nasci tão feia?"

Quando a lua no céu azul surgia,
de alvor banhando a múrmura deveza,
no postigo do albergue a sós gemia,
triste mulher sem viço nem beleza.

Chamou-a Deus enfim. Quando passava
o singelo caixão na triste aldeia,
melancólico o povo murmurava:
"Vai tão bonita, olhai! e era tão feia!"...

Linha de Cáceres

(81,400 kms de v/l)

São do saudoso engenheiro Carlos Manitto Ferreira Torres, poeta brilhante e nosso ilustre colega na « Escola Comercial de João Vaz », onde com ele exercemos o ensino, as notas que seguem, sobre esta via férrea:

« A concessão desta linha, feita à Companhia Real, sem encargo para o Estado, em 19 de Abril de 1877, visava o objectivo de captar para o porto de Lisboa, através de linhas nacionais, o tráfego das fosforites a exportar pelas importantes minas de Cáceres, objectivo garantido por contrato entre a Companhia Real e a Empresa mineira, no qual se consignava o transporte mínimo de 50.000 toneladas anuais de fosforites.

Sob o ponto de vista das relações internacionais, o novo ramal (ligando a Torre das Vargens a Valência de Alcântara) vinha assegurar uma derivação bastante mais curta, e mais rápida portanto, entre Lisboa e Madrid, embora as suas modestas condições de linha industrial não fossem as mais aconselhadas para este efeito.

A construção começou em 15 de Julho de 1878; e em 15 de Outubro do ano seguinte iniciou-se o serviço de pequena velocidade.

A abertura oficial a todo o serviço data de 6 de Junho de 1880»

No caminho para a Vitória

Como já se vai tornando habitual, continuaram, no edifício do Mercado, os divertimentos para ajuda da Santa Casa da Misericórdia e da Banda de Nisa.

No dia 11, domingo, além dos atractivos que já temos referido, houve ainda no mesmo local, um concerto pela Banda que foi muito apreciado.

Nesta cruzada do Bem, muita gente colabora de boa vontade, o que prova, mais uma vez, a evidência do velho prolóquio: « Quem trabalha, vence ».

ENFERMO

Tem estado doente um filho do Sr. Professor João Melato Carita, a quem, sinceramente, desejamos rápido restabelecimento, para bem de todos, do enfermo e de seus extremos pais.

Estudos Históricos

Por intermédio de pessoa amiga, recebemos do Sr. Dr. João Gonçalves, com dedicatória, um exemplar do seu trabalho « Construção das Muralhas de Castelo Branco e Nisa », atenção que directamente agradecemos.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

Grémio da Lavoura de Nisa

Assinada pelo Presidente da Direcção, Dr. Fraústo Basso, foi distribuída aos sócios a seguinte circular:

Presado consócio

Com os nossos cumprimentos temos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª o seguinte:

Fundo de Fomento Florestal e Aquícola — Encontra-se já nesta região uma **Brigada de Arborização do Fomento Florestal e Aquícola**, que tem como principal finalidade fomentar a arborização de terrenos particulares e prestar a necessária e efectiva assistência técnica.

A referida BRIGADA que é chefiada por um engenheiro Silvicultor, estenderá a sua acção a todo o Distrito.

Dadas as finalidades que o novo Organismo se propõe atingir, e tendo em consideração as largas extensões de terrenos incultos e impróprios para a cultura agrícola com possibilidades de valorização por uma floresta técnica orientada, estamos certos que a actividade do novo Organismo irá merecer a melhor aceitação, inteiro apoio e interesse por parte dos proprietários desta região.

Os requerimentos solicitando o auxílio técnico e económico, devem conter o nome e residência do proprietário interessado, denominação, localização e área da propriedade que pretende ser beneficiada, natureza da cultura a que tem estado sujeita e indicação do que se pretende levar a efeito com a colaboração ou por intermédio dos serviços do Fundo do Fomento e devem ser dirigidas ao Presidente do Fundo do Fomento Florestal—Rua Telhal 12-1.—Lisboa 2.

Neste Grémio prestam-se mais informações sobre o assunto.

Requisição de árvores e sementes: Os pedidos de árvores e sementes para melhoramento florestal devem dar entrada nos Serviços Centrais da Direcção Geral dos Serviços Florestais ou em qualquer dos serviços regionais, impreterivelmente até 31 de Agosto do corrente ano.

Os senhores associados interessados na requisição de árvores e sementes também podem efectuar os seus pedidos por intermédio do Grémio.

Neste caso os pedidos devem ser feitos, pelo menos, até 28 do referido mês de Agosto.

Manifestos de Trigo: — Aconselham-se os produtores de trigo a efectuar os respectivos manifestos

Cine-Teatro

Espectáculos para o mês de Agosto:

- Dia 1 — Furacão de Saias — maiores de 12 anos
- Dia 8 — O Máscara de Ferro — maiores de 12 anos
- Dia 15 — CANTINFLAS - o bombeiro atómico — maiores de 17 anos
- Dia 22 — O Vampiro — maiores de 17 anos
- Dia 29 — O Leão — maiores de 12 anos

QUEM CANTA

Tenho dentro do meu peito
chegadinho ao coração,
duas palavras que dizem:
«Morrer, sim; deixar-te, não!»

de produção.

Os referidos manifestos devem ser efectuados 10 dias após a debulha, mas nunca além de 15 de Outubro (art.º 24.º do Decreto-Lei n.º 32189, de 11 de Agosto de 1942).

Aquisição de Trigo e Centelo — Já se encontra aberto o celeiro para recepção de trigo e centeio.

Os preços são os da tabela de 1964.

Exportação de Azeite — Qualquer pessoa que saia do Continente pode transportar consigo, como bagagem, sem necessidade de licença de exportação, as seguintes quantidades de azeite:

- 1.º a) até 30 litros, se fôr para as Ilhas Adjacentes ou Províncias Ultramarinas;
- b) até 15 litros, se fôr para o Estrangeiro.

2.º — Aos produtores de azeite ou seus familiares que residem fora do Continente, pode lhes ser enviado azeite, mediante licença de exportação passada pela Junta Nacional do Azeite:

- a) até 30 litros por ano e por pessoa que reside nas Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas;
- b) até 15 litros por ano e por pessoa que reside no Estrangeiro.

Venda de Gado Vacum — Os senhores produtores interessados na venda de gado vacum adulto, podem, querendo, inscrevê-lo para ser abatido no matadouro de Lisboa.

O transporte para Lisboa poderá ser feito em camioneta ou pelo caminho de ferro, para qualquer número de reses.

Este assunto é de grande importância para os interesses da Lavoura e, por isso, se chama, em especial, para ele, a atenção dos interessados.

Neste Grémio se prestam mais desenvolvidas informações, designadamente sobre preços, condições de transporte e de abate.

Débitos ao Grémio — Tem o Grémio imensa necessidade de reunir fundos para satisfazer compromissos, aos quais não pode faltar; pedimos, por isso, aos nossos associados que ainda não liquidaram as suas contas do ano de 1964 o favor de, dentro do possível, entregarem algumas importâncias por conta.

Nisa, 15 de Julho de 1965.

O melhor artigo sobre a Costa do Sol

A Junta de Turismo da Costa do Sol promove anualmente o concurso «O melhor artigo sobre a Costa do Sol».

Será atribuído um prémio de 5 000\$00 ao melhor artigo publicado, no decurso de cada ano na Imprensa portuguesa e outro de igual importância para o melhor artigo publicado na Imprensa estrangeira.

Apenas serão admitidos ao Concurso os trabalhos que tiverem sido pela primeira vez publicados de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de cada ano a que aquele se reportar. Os concorrentes deverão entregar até 31 de Janeiro do ano imediato à publicação do respectivo trabalho, sete exemplares do jornal ou revista onde o mesmo conste. O Júri tornará pública a sua decisão quanto aos trabalhos premiados até ao dia 31 de Março de cada ano e da sua deliberação não haverá recurso.

Os prémios são indivisíveis mas o Júri terá o direito de não os conferir se entender que nenhum dos trabalhos apresentados tem a qualidade indispensável. A Junta de Turismo da Costa do Sol reserva-se o direito da publicação dos trabalhos premiados pelo que o concorrente se obriga a apresentar, antes da distribuição dos prémios, a necessária autorização.

«HUMUS

RÉGÉNOR»

Surgiu há pouco no mercado português este novo product, que se pode denominar de verdadeira revolução.

Trata-se de um fertilizante biológico destinado a substituir o estrume.

Dizem os responsáveis que 1000 quilos de «Humus Régénor» correspondem a 40 000 de estrume natural. Parece-nos que, nestas condições, não há quem hesitar.

Eis o que em síntese nos informou o Sr. Isaac Araújo, agente do product em Nisa e Delegado nos distritos de Portalegre e Castelo Branco. Consta também que se pensa construir uma fábrica em Portugal.

Conhece este trecho?...

I

Relógio da Cidade. Vou avante. O meu pedagogo era torto, e mandaram que me endireitasse. Cousa impossível, porque já disse o ditado castelhano que *solo Dios acierta a reglar con regla tuerta*. Enfim, era um tesoureiro que entesourava tudo quanto lhe davam, por ter cuidado com os meus descuidos. Jamais me untou as rodas para untar ao carro do seu proveito; jamais me alimpou, temendo sujar-se, e então pela culpa alheia eu não sou a mesma pontualidade. Em lugar dos pesos, que me não levantava, me levantou falsos testemunhos, tantos, que juntos à ruim suspeita que o povo do meu bairro teve sempre da minha verdade, não descansaram meus inimigos até não darem comigo em casa deste maldito caldeireiro, aonde nos vemos e donde dizem que já não sairei senão para o ferro-velho, depois de haver em vão tomado mil suores de fornalha, dois mil banhos de forja e quatro mil esfregações de bigorna, que não sei como sou vivo. De sorte, amigo, que as mentiras e trapaças daquele tacanho eu hei-de ser quem as pague! A fama de mentiroso ficará sempre para comigo, e o falsário será satisfeito. Não só as rodas me andam todas ao redor, ou me desandam, mas a a mão, a cabeça e tudo se me desconserta cada vez que cuido no engano dos tolos dos meus fregueses e na malícia do malvado sacristão, por quem se me causaram tantos males. A isto vim, nesta forma me vejo e nesta afronta. Notais como anda a nossa Corte bem governada?

E o seu autor?

— Escritor de vastos recursos, distinguuiu-se não só como prosador multimodo, mas também como poeta. Historiador, epistológrafo, moralista e crítico perspicaz e humorista, foi um dos maiores vultos literários do séc. XVII.

Nascido em Lisboa no dia 23 de Novembro de 1608, teve uma existência irrequieta. Encarregado de missões diplomáticas durante o período filipino, colocou-se abertamente ao serviço de D. João IV após o 1.º de Dezembro de 1640, desempenhando serviços militares e políticos nos primeiros anos da Restauração.

Preso por implicações num homicídio, esteve encarcerado na Torre de Belém, sendo mais tarde degredado para o Brasil. Regressado a Portugal voltou a exercer funções diplomáticas em várias capitais europeias. Faleceu com 59 anos incompletos no dia 24 de Agosto de 1666.

A solução deve ser procurada numa das páginas deste jornal.

ENDEREÇOS

Para maior cómodo na expedição, passamos a usar endereços impressos.

Por este motivo, a mudança de direcção implica o pagamento de 2\$50, importância que acompanhará o pedido.

Quadras

Da tua casa p'ra minha,
Não é longe, é pertelinho;
Mas eu estou sempre em cuidado,
Não te percas no caminho...

O amor é como um remédio
Agradável de tomar:
Sabe-nos bem ao princípio,
E acaba por enjoar.

Quando éramos namorados,
Tuas falas eram mel;
Hoje, que somos casados,
São amargas como fel.

Negras são as vossas penas,
Ó ligeiras andorinhas,
Mas, sendo negras também,
São mais pesadas as minhas.

F. BAGULHO

F O G O !

No sítio do Carvalhal de Alpalhão, manifestou-se, há dias, um foco de incêndio que os bombeiros extinguiram com prontidão.

Segundo as informações recebidas no jornal, não houve prejuízos de monta.

Meteorologia Popular

— Em Agosto toda a fruta tem gosto — Primeiro de Agosto, primeiro de Inverno — Em Agosto, frio no rosto — Quem em Agosto ara, riquezas prepara — A cava de Agosto enche o tonel de mosto.

De Capa e Batina

O caso sucedeu numa das cadeiras de Direito Civil.

O lente perguntou ao discípulo: — Ora, diga-me: como se dividem as coisas ou bens?

— Em móveis e imóveis — respondeu prontamente o rapaz.

— Muito bem. Como se chamam as coisas móveis que, por si mesmas, se transportam dum lugar para outro?

— Semoventes.

— Exactamente. Dê-me um exemplo dum semovente.

O estudante pensou um pouco e respondeu:

— Um boi.

— Diz bem — aplaudiu o lente.

Indique-me outro exemplo doutro semovente. Silêncio prolongado do rapaz.

— Ó Senhor! É tão fácil! Ajuntou o professor. Vamos: outro semovente. Diga!

— Outro boi! — respondeu o estudante com ênfase.

(Dr. António Cabral

«Tempos de Coimbra»)

Correio de Nisa

Continuam deficientes os serviços de expedição para fora da vila.

Parece-nos, entretanto, que estamos a atingir o fim destas dificuldades. E — confessamos — já não é sem tempo...

Adivinhação (N.º 6)

Sou monarca e poderoso,
mas mui soberbo, iracundo;
os astros me põem a c'roa,
meu império é todo o mundo.

Eu presido desde os céus,
na terra meu pavimento,
o trono tenho nas nuvens,
na lua meu alto assento.

Plantas, brutos, minerais,
quanto adorna a redondeza,
tem no meu poder e influxo
sua própria natureza.

Veja-se a solução na 4.ª página

NOIVOS

Realizou-se, no dia 29, em Fátima, o casamento da Sr.ª Professora, D. Isabel Caldeira Gomes Cativo, com o Sr. José Lopes Branco Gonçalves.

Também no dia 31, o nosso amigo e assinante António de Jesus Alfaia Tremoço se consorciou com a Sr.ª Maria Júlia Rovisco Mendes. Aos noivos desejamos todas as venturas de que são dignos.

Na
Tipografia Nisense
aceitam-se
anúncios
para o

Correio de Nisa

VERDADES DE SEMPRE

A mulher que pouco fia, sempre faz ruim camisa.

A Pródiga Natureza

Tem havido este ano grande abundância de fruta, principalmente peras e ameixas, apesar da falta de água.

Quando Deus quer!...

Vida Artística

Regressaram de Arronches, onde foram muitíssimo aplaudidos, os Ranchos de Nisa, mais uma vez se provando que são elemento de cultura e de franca projecção social, no intercâmbio de beleza e harmonia.

A ponderação e a inteligência manda que se lhes concedam rasgados aplausos; e que, portanto, continuem a dar bom nome à Terra.

Regresso

Foram colocados na Escola maseulina os Srs. Professores Joaquim Maria Castanho e Júlio Alvega de Matos naturais de Nisa, que assim voltam à Terra Natal.

Com os nossos cumprimentos, vão também os desejos de muitas felicidades no exercício de seus cargos, tarefa difícil e quasi sempre heróica.

De Viagem

Para a Província Ultramarina de Angola, partiu no dia 3 do corrente o Sr. Professor Carlos Tomás Cebola, prezado assinante do jornal.

Na impossibilidade de o fazer pessoalmente, devido a outras nossas ocupações, teve a amabilidade de nos dirigir uma carta, em que traduz o seu interesse pelo «Correio de Nisa» e nos apresenta cumprimentos de despedida.

Agradecemos a gentileza e desejamos-lhe, muito sinceramente, as maiores felicidades, extensivas também a sua Família, esperando que lá dessa tão querida Terra Portuguesa honre as colunas do jornal com a colaboração da sua pena, de delicada sensibilidade.

Rev. Padre Magalhães

De passagem, encontramos em Nisa o Sr. Padre Alfredo de Magalhães, o que nos deu sincero prazer, pois é pessoa cujo convívio nos honra, por sua bondade e pela sua cultura. Queremos-lhe bem.

Lira Popular

Saudades da Minha Terra Por José Maria F. Bicho

Ao jornal da minha Terra desejo felicidades; apesar de ser modesto ele mata-me as saudades.

Já deitado no meu leito,
a ler o nosso jornal,
nêle vi belas notícias
da minha terra natal.

É dia 11 de Julho;
Acabo de trabalhar
num velho castelo antigo,
do tempo dos nossos reis.

Desta minha vida nova
tenho orgulho de dizer:
Sou soldado português,
Portugal vou defender.

Depois de ler o jornal
e de o tornar a ler,
entreti-me a fazer versos
para coisas esquecer.

Para coisas esquecer,
mas não são coisas de mal,
são saudades de meus pais,
da minha terra natal.

É terra já muito antiga,
sempre do meu ideal,
e pequena, sim, mas bela,
é torrão de Portugal.

ARRENDAM-SE

As propriedades rústicas de
Francisco Paralta Canhoto
entre o Patalou e Bajanca
Dirigir-se ao próprio

Noite de Teatro...

O teatro, e no caso particular o teatro televisionado, está, semana após semana, a conquistar o público, rendido ante a qualidade das peças, que lhe são oferecidas e a excelência das actuações de artistas consagrados. Com efeito, não se pode duvidar de representações onde se conseguem tantos efeitos psicológicos sem quebra da economia do argumento e do equilíbrio do diálogo, e onde os actores sentem a inteligência, o fluxo vitalizante e a hierarquia do seu desempenho, que obsta ao monólogo falseador de toda a concepção de teatro...

E conquista muito especialmen-

(Continua na página 4)

Os Nossos Assinantes

(Continuação)

José do Santos Ribeiro
Bernardo de Almeida Ferreira
Eduardo Figueiredo
César da Conceição Lopes
Rui Dinis Fragoso
Mário Fragoso de Almeida
Tomás da Graça Cardoso
Professor Manuel Barreto
João José Ramos Vidal
Jaime Marcelo dos Reis
António das Neves Isabel
António Marcelo dos Reis
António Serralha S. Tremoço
Romão Fernandes Poupino
José Semedo Louro
Eng. Emílio Carita Frade
Esteves da Assunção Cebola
Carlos Bagulho
Professor Isidro Carreiras
Fernando António Amaral Caldas
Dr. Rui Tello Gonçalves
Dr. Celso Galvão P. de Almeida
Francisco Martins Bugalho
António da Graça Salgueiro
Joaquim de Oliveira Batata
Mário Dinis Bicho
Dr. Peixoto de Meneses
Manuel Tavares Marsia
João Dias Ladeira Ribeirinho
Aníbal de Oliveira R. Basso
Eng. João Manuel Fragoso
João Paralta Polido
José Dias Ladeira Ribeirinho
José da Cruz Moura Tremoço
Dr. Augusto Russo
Dr. Moura Relvas
Adelino Paralta da G. Vieira
Serafim Gonçalves
D. Mariana Marques
Silvestre Bento Baptista
Mário Cândido
José de Oliveira Sales
Adriano Dinis Curado
Benjamim da Cruz Corga
Prof. Joaquim Curado Paralta
Eng. José Ribeirinho Pereira
Joaquim Mendes Lopes
Silvino da Graça Serra
Prof. Dionísio Cebola
Carlos Queimado H. Silva
Manuel de Oliveira B. Cativo
António de Oliveira Cativo
José Mendes Louro
João Garita Polido
Manuel Baptista Varandas
António Filipe
D. Bernarda Dinis Casimiro
Joaquim Maria Temudo

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES,
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESY-
TUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Misa

Jornal de Informação e Cultura



A Capela de São Pedro

(Continuado da página 1)

por camadas de cal, ainda hoje se mostra, depois de fortes chuvadas.

Enfim, coisas muito lamentáveis, a traduzirem ideias... de idiotas.

Muito pouca sorte tem tido a graciosa capela de São Pedro, com o seu adrozinho rústico, a sua aparência simpática, o seu campanário ingénuo.

Contudo, mesmo depois da delapidação, o pequeno templo merece-nos respeito, respeito pelo passado e respeito presente, pelo futuro.

Simultaneamente, ainda existem elementos de construção, dignos de muito acatamento.

Ora, correm para aí uns rumores de que a Capela irá ser demolida.

Demolir é infinito muito «esperto» que envolve quasi sempre desrespeito por veneráveis coisas de outros tempos; e está a toruar-se pernicioso na região.

O que há a fazer — isso sim — é reintegrar, erguer uma nova ara onde São Pedro reine e se mostre à adoração dos fiéis, talqualmente sucedeu em tempos idos.

Demolir, não! Para isto os nossos protestos enérgicos.

Para a reintegração, os nossos aplausos veementes.

Casamentos

— João do Rosário Policapo Cebola com Maria Dinis Curado Malpique.

— José Mendes Tristão da Piedade com Maria Antónia Lobato Macedo.

Solução da adivinha: **O FOGO**

SUPREMA VENTURA

*Aquela luz dourada do sol poente,
o passeio de ontem, à tardinha,
esses teus olhos negros, Moreninha,
deixaram-me nervoso, estou doente.*

*Em ti levo a pensar constantemente,
tecendo um sonho lindo em vida minha,
Ai, os teus olhos negros, Moreninha,
são como a luz dourada do sol poente!*

*À noite, adormeci, num doce enleio;
e vi, sonhando, arfar teu puro seio,
a embalar-me em calmas ideais.*

*Assim, nesta ilusão, nesta magia,
desejava eu viver de noite e dia!*

Dormir, sonhar... e não acordar mais!

ARMANDO DE CASTRO

Solução de « Conhece este Trecho? »

«Relógios Falantes» — D. Francisco Manuel de Melo

NOITE DE TEATRO

(Continuado da página 3)

te o público que aprecia a comédia trepidante, alegre, plena de ritmo, onde se condensam os seus problemas, anseios e até as aspirações que infantil (em cada vive a criança que sonhou realizar-se numa outra estatura) acalenta durante a monotonia sem futuro do quotidiano que o despe de ambições e o reduz a um hábito vegetativo, a um estômago exigente.

Por isso, para cativar esse público basta, por vezes, dar preeminência ao sonho, colocá-lo antes e acima da realidade, e fazer depender da interpretação do sonho e da expectativa que a envolve a força dinâmica do enredo.

E é precisamente isso que sugere ao nosso espírito, quase sem sentirmos, o entusiasmo objectivado perante o embrulho por abrir; o fracasso ante a cana de pesca, por sortilégio aparecida a nossos olhos. Mas o sonho não esmorece, ladeia dificuldades, esboça nova perspectiva, criando um clima próximo do misticismo que, mais adiante, leva à recusa da tradução de uma carta que se não sabe ler, mas de modo algum pode só dizer algo de tão pertinentemente pessoal. A posição do protagonista in-

crédulo, contrastando a exaltação onírica não deixa de ser cómica, mesmo quando se plasma em formas correctas de sobriedade. E dessa incredulidade resultam situações como a da impossibilidade da narrativa conjunta do problema, único, mas transfigurado e polarizado num dos personagens, por as palavras terem perdido o sentido comum, ou inversamente, ganharem o sentido mítico.

E quando o sonho assume a realidade, serve de prova ao asserto o fácil ajustamento à nova circunstância, como coisa antevivida.

Porém se teatro é relação fugaz que nos liberta da problemática emotiva íntima para nos colocar mais inteiramente frente ao drama em que participamos sem compromisso, a vida, como relação contínua, é bem diferente...

Nunca nos morre um tio na América, por muita vontade que tenhamos de lá ter um. E o cabalismo promissor de um sonho, e a auréola colorida e vivaz da encarnação, só no teatro se consente, numa bela noite de teatro...

Lisboa, Julho de 1965

A. C.

PRELÚDIOS...

(Continuado da página 1)

cobre o dia para além... Os grilos cantam... há silêncio; os ouvidos presentem-no pesado e embalador. Os grilos cantam, sempre igual; as águas correm, sempre iguais, na fonte e no ribeiro. Os cantos dos sapos são estridências que roubam energias.

A lua... A lua coloca tantas sombras no vale; dá colorações fantásticas às águas; apaga estrelas e azula a noite. O tempo não avança na noite. As máquinas humanas, essas sim... Tudo parece suspenso num calmo levedar donde há-de surgir o Amanhã.

Ando imerso no paraíso azul da madrugada, com claros-escuros no céu nublado. No lugarejo — sombras negras, perfis em fundos iluminados — há janelas que enquadram ladeiras acesas,

Elevam-se, subindo no ar num movimento preguiçoso, colunas de fumo que se dissipam, confundindo-se com as brumas que, envolvendo a paisagem, rastejam, espessas mas suaves, pelos vales verdejantes.

Há rosáceas colorações no levante; cocóricos de galos pelas vizinhanças; latidos e choros de criança: Vida que desperta — Esperança do que foi Ontem, Realidade do que era Amanhã.

Os rebanhos passam, caminho dos baldios. Pastores velhinhos vão-lhes na peugada, mas os mais moços vão colhendo amoras e correndo à pedrada qualquer que se tresmalhe.

Batem tairocós no lajedo do caminho. A Vida chama cada vez mais intensa a exigir cada vez mais esforço. A luz coa-se, dividida, por entre os troncos hércoleos dos pinheiros. Na eira estendem-se as primeiras roupas, numa policromia húmida e lavada. Batem roupa no ribeiro, e canta-se:

Nossa Senhora da Graça,
destas terras padroeira,
lá da vossa capelinha
dai-nos paz a vida inteira.

Mais alto, sempre mais alto, espírito da vida, o sol triunfa e cansa...

Lufadas de ar morno sacodem as folhas empoeiradas e sequiosas das carvalhas. Os troncos, desperetos, rangem.

Cigarras irritam os silêncios sufocados da vegetação; um pardal solta estríduo gorgoio ao perpassar, num vôo rápido, direito à frescura da copa. No terreiro, à sombra, em redor das paredes ou junto de raízes, as galinhas, acocoradas e de bicos abertos, movimentam a glote num vai e vem sedento; os porcos, no chiqueiro, roncam, esfocinhando indiferentes.

A terra emana um halo; para lá das veigas, os pinhais cobrem-se de neblina; mais lá, a serra sobe nua, escavada e esvaída num azul montanha.

O sol, a pino, dardeja fecundante e impossível. Uma nuvem espessa e acobreada roça o horizonte. A sua cor traz às narinas a sugestão acre de uma ucha: pinhais a arder; matagais chamejantes, numa restolhada, num estralejar de mato ressequido.

Um homem passa: o pardal foge gritando; as galinhas assustadas cacarejam; os porcos roncam, interrogadores. O homem inclina-se sobre a fonte e bebe demoradamente; limpa os beiços às costas da mão e segue.

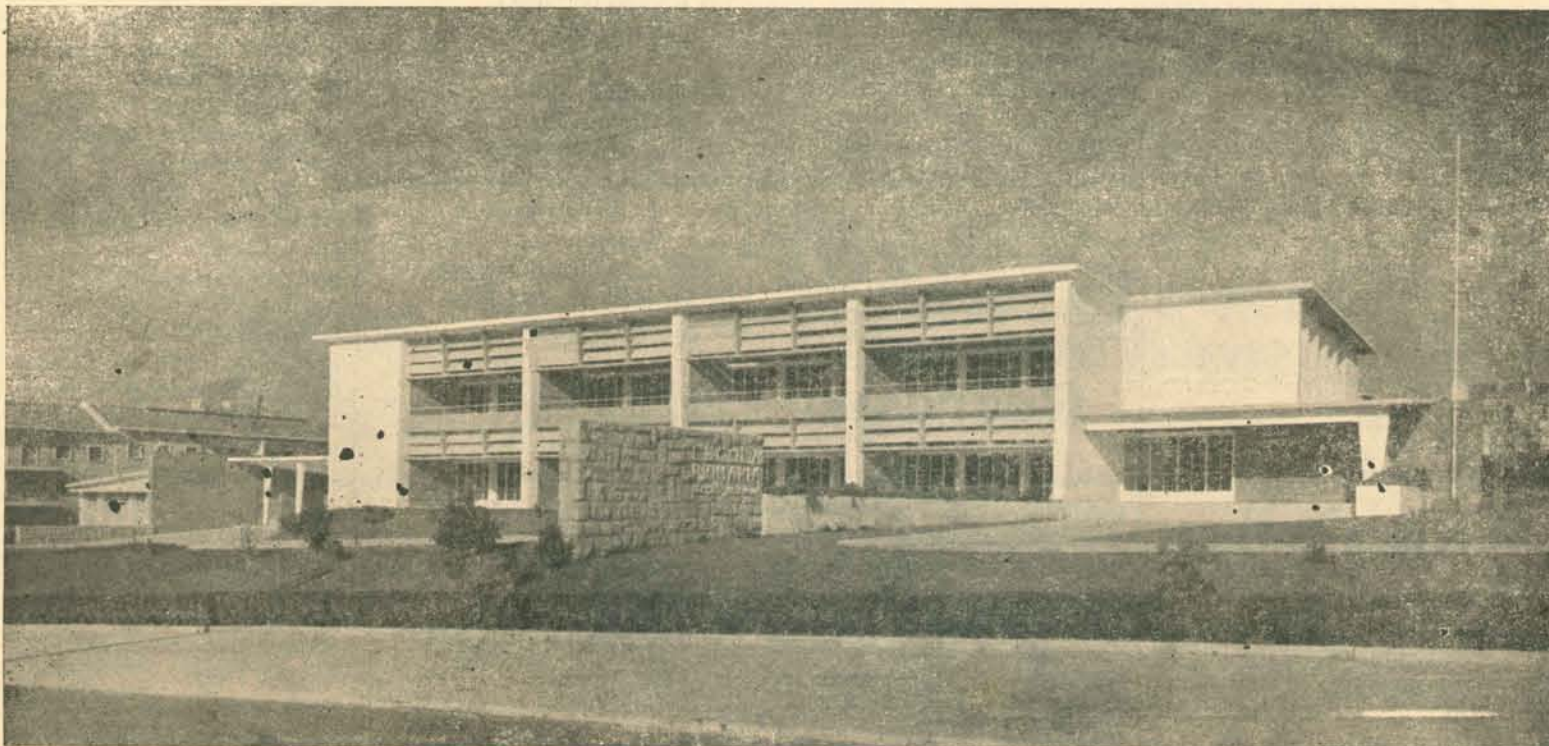
Calma...

As cigarras extenuadas param; nem uma ave corta o céu; a paisagem diluiu-se mais num veu azulino, como quadro de tintas esbatidas.

Lá em baixo a água jorra, em silêncio; o riacho corre, em silêncio.

Silêncio...

ANTÓNIO CLARO



O Progresso da Nação

UMA ESCOLA MODERNA

Projecto do arquitecto

Rui de Atouguia